

* Possui graduação em Ciências - Faculdades Reunidas de Admin. Ciências Contábeis e Econômicas de Palmas (1994), graduação em Filosofia - B pela Universidade de Passo Fundo (2008), graduação em Teologia - B pelo Instituto de Teologia e Pastoral (1999), mestrado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2011) e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2015). É professor da Itepa Faculdades. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Bíblica. Presbítero da Diocese de Chapecó/SC.

E-mail: ademir_rubini@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1996-2483>

Recebido em 26/09/20

Aprovado em 18/01/21

MÊS DA BÍBLIA

"Pois todos vós sois UM só em
Cristo Jesus" (Gl 3,28b)

MONTH OF BIBLE

"For you are all one in
Christ Jesus" (Gal 3,28b)

*Ademir Rubini**

Resumo: Neste ano de 2021, a Igreja do Brasil propôs como tema do Mês da Bíblia a Carta de Paulo aos Gálatas, tendo como lema: "Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus" (Gl 3,28b). Abordaremos o tema em três passos: primeiramente elencando alguns elementos da Carta aos Gálatas; a seguir, o contexto da província da Galácia, onde estava localizada a comunidade que recebeu a carta paulina, destacando alguns elementos. Finalmente, refletiremos sobre o tema do Mês da Bíblia, à luz da Encíclica do Papa Francisco, *Fratelli Tutti*.

Palavras-chave: Fé. Unidade. Fraternidade. Diálogo. Respeito.

Abstract: In this year of 2021, the Church of Brazil proposed Paul's Letter to the Galatians as the theme of the Month of the Bible, with the motto: "For you are all one in Christ Jesus" (Gal 3,28b). We will approach the topic in three steps: first, listing some elements of the Letter to the Galatians; next, the context of the province of Galatia, where the community that received the Pauline letter was located, highlighting some elements. Finally, we will reflect on the theme of the Month of the Bible, in the light of Pope Francis' Encyclical, *Fratelli Tutti*.

Keywords: Faith. Unity. Fraternity. Dialogue. Respect.



INTRODUÇÃO

A cada ano, a Igreja do Brasil tem como referência um dos livros bíblicos. Nesse ano de 2021, a proposta é de aprofundarmos a Carta de Paulo aos Gálatas, tendo como lema: “Pois todos vós sois UM só em Cristo Jesus” (Gl 3,28b). A Lei judaica dá lugar à fé em Cristo. Batizados em Cristo, assumindo a identidade de Cristo, todos são chamados a viver na unidade, na igualdade e na liberdade. O Projeto de Deus, concretizado em Jesus Cristo, eliminou os muros de separação entre judeus e gentios, escravos e livres, homens e mulheres. Essa realização constitui-se no chamado fundamental para que todos sejam um como o Pai e o Cristo são um (Jo 17,23), vivendo no amor.

1 A CARTA AOS GÁLATAS

O Apóstolo Paulo escreveu aos Gálatas, provavelmente, de Éfeso, entre 53 a 57 d.C., durante sua terceira viagem missionária. Pelas referências que temos, o Apóstolo já havia visitado duas vezes a comunidade (At 16,6; 18,23)¹. Nesta última visita, tudo indica que a comunidade estava muito bem, demonstrando fidelidade ao Evangelho anunciado por Paulo. Não entanto, pela influência de pessoas que se infiltraram na comunidade, provavelmente, os judaizantes, ou seja, cristãos vindos do judaísmo, os problemas começaram a surgir².

Houve a tentativa de substituir o Evangelho de Cristo por “outro evangelho” (Gl 1,6), deturpando o conteúdo do primeiro anúncio, sobretudo, querendo impor a necessidade do cumprimento da Lei Mosaica a todos os que despertaram para a fé em Cristo, mesmo sendo cristãos de origem gentílica. “Eles afirmavam que os gálatas, para serem cristãos, deviam em primeiro lugar circuncidar-se, ou seja, judaizar-se”³. Na verdade, a preocupação de Paulo era que o Evangelho estava correndo o risco de ser deformado, comprometendo a sua essência de que a salvação é fruto do amor gratuito de Deus, manifestado em Jesus Cristo⁴. O perigo era de que o cristianismo fosse reduzido a uma simples seita judaica, um remendo do judaísmo, fazendo perder a força da fé cristã. Embora os judaizantes não negassem diretamente a Cristo, queriam impor condições a partir da tradição judaica.

O conflito surgido na Galácia estava ligado à controvérsia ocorrida em Antioquia, pela qual alguns representantes da Igreja da Judeia, mais ligada à autoridade de Tiago, começaram a ensinar aos cristãos sobre a necessidade da circuncisão prescrita na Lei de Moisés como condição para a salvação (At 15,1-2; Gl 2,11-14). Os adversários de Paulo, para impor estas ideias aos cristãos, questionavam a autoridade de Paulo, como Apóstolo de Jesus Cristo, por não ser um dos Doze. Além disso, as palavras de Paulo insinuam que seus adversários o acusavam de buscar ser agradado (Gl 1,10) e de agir assim somente para conquistar adeptos (Gl 5,11). Paulo é obrigado a reagir e esclarece a situação, desenvolvendo dois temas fundamentais na Carta: faz apologia da legitimidade do seu apostolado, na tentativa de reconquistar os gálatas⁵. Afirma que seu apostolado teve origem em Jesus Cristo (Gl 1,1); o segundo e principal tema está ligado à defesa que Paulo faz do Evangelho por ele anunciado, segundo o qual os cristãos são justificados pela fé em Jesus Cristo e não pela prática da Lei Mosaica (Gl 15-16)⁶.

1 Jordi Sánchez BOSCH, *Escritos Paulinos*, p.233.

2 Giuseppe BARBAGLIO, *As cartas de Paulo, II*, p.20.

3 José BORTOLINI, *Como ler a carta aos Gálatas*, p.13.

4 Rinaldo FABRIS, *A liberdade do Evangelho: carta de Paulo aos Gálatas*, p.16.

5 Giuseppe BARBAGLIO, *As cartas de Paulo, II*, p.22.

6 Giuseppe BARBAGLIO, *As cartas de Paulo, II*, p.34.

A grande preocupação de Paulo, em relação aos judaizantes, ao que parece, era impor a obrigatoriedade da Lei para quem se convertesse ao cristianismo. Paulo era absolutamente contra isso, principalmente, quando se tratava de gentios que aderiam à fé cristã. “O argumento de Paulo não é em favor da fé nem contra as obras propriamente. É muito particular: é contrário a que se exija dos gentios a observância da Lei Mosaica para poderem ser verdadeiros ‘filhos de Abraão’”⁷.

Quando o Apóstolo afirma que ninguém se justifica pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo (Gl 2,16), não significa que ele fosse contra ou desmerece a prática das boas obras. Pelo contrário, quando se tratava de viver na prática a vida cristã, orientava as comunidades a viver segundo o Espírito e não deviam usar o pretexto da liberdade para viver segundo os instintos egoístas (Gl 5,13-26). O que ele rejeitava era a tentativa dos judaizantes de atrelar a prática da Lei judaica à vida cristã, especialmente, a circuncisão, como condição para a salvação, inclusive aos gentios, para os quais a Lei de Moisés lhes era estranha, não fazia parte de sua cultura. Viver na liberdade, portanto, é agir segundo o Espírito, tendo como critério fundamental o amor (Gl 5,14).

2 O CONTEXTO DA PROVÍNCIA DA GALÁCIA

Quando nos referimos à “Galácia”, podemos entendê-la de duas maneiras: Primeira, se referindo ao local ocupado pelos gauleses, de etnia celta. Seria hoje basicamente a cidade de Ancara, capital da Turquia⁸; ou pode ser compreendida como a Província romana, criada no ano 25 a.C., ampliando seu território, ocupando a parte central do que agora é conhecido como Ásia Menor ou Anatólia⁹.

Quando nos perguntamos para quem exatamente Paulo escreveu, se foi para os cristãos de origem celta ou para os cristãos nas cidades que compunham a província da Galácia, percebemos que há controvérsias. A pesquisa não é unânime sobre a exata localização dessas comunidades. A carta apresenta como destinatárias as “Igrejas da Galácia” (Gl 1,2). “Há aí somente uma anotação geográfica, e sequer unívoca, pois pode se referir tanto à região gálata, propriamente dita, quanto às comunidades do sul da homônima província romana”¹⁰. Caso se trate da Província da Galácia, localizada no centro-sul da Ásia Menor, as comunidades teriam sido fundadas no decorrer da primeira viagem missionária de Paulo (At 13-14) e seriam compostas, predominantemente, por judeus-cristãos. Quando Paulo fundou estas comunidades, normalmente, iniciava seu anúncio nas sinagogas, onde havia predominantemente pessoas de origem judaica. Por outro lado, se for a região da Galácia, as comunidades estariam mais ao norte, no coração da Ásia Menor, e seriam constituídas, sobretudo, por gentílicos-cristãos.

Embora não haja consenso entre os exegetas, a opinião que predomina na pesquisa é o segundo caso, ou seja, foi escrita aos cristãos predominantemente vindos de uma cultura não judaica. A abordagem da Carta expressa detalhes bem peculiares, que reforçam essa predominância entre os pesquisadores. O trabalho de Paulo na região foi ocasional, provocado por uma enfermidade, para a qual o apóstolo foi buscar ajuda (4,12-15). Os gálatas o receberam e o trataram muito bem, como a um anjo de Deus. Através dele receberam o Espírito e aparentemente presenciaram algum milagre relacionado a ele (3,5). Mas agora, por influência de adversários, o apóstolo é tratado como um inimigo (4,16).

7 Ed Parish SANDERS, *Paulo: a lei e o povo judeu*, p.35.

8 A.A. MARTINS, Introdução à epístola aos Gálatas. In: *Revista de cultura Bíblica*, n.93/94, p.30.

9 G.V. ANSEN, *Carta aos Gálatas*, p.583.

10 Giuseppe BARBAGLIO, *As cartas de Paulo, II*, p.36.

A situação dos escravos

A Ásia Menor, embora pertencente ao Império Romano, tinha sua realidade própria. Isso podemos constatar em diversos pontos. A realidade da escravidão era diferente da que existia em Roma. Embora a situação dos escravos sempre se demonstrou precária, parece que no ocidente o trato com os escravos demonstrou-se muito mais despótico. Por exemplo, em Roma, o número de escravos chegava a dois terços da população, enquanto que na Ásia Menor, onde se localizava a Galácia, girava em torno de um terço¹¹. Não havia somente diferença de porcentagem, no tratamento também. “Tinham um mínimo de direitos (não perante a lei, mas por força do costume): alimentação, vestes, matrimônio, um mínimo de vida familiar, inclusive certas posses e poupanças”¹².

Era comum a presença de escravos, sobretudo, nas famílias mais abastadas, praticamente fazendo parte da convivência familiar. Alguns até contribuía na educação dos filhos e ajudavam na administração dos bens de seu senhor. Ainda que a realidade da escravidão depreciava socialmente o ser humano, diminuindo o valor da pessoa humana, certamente, a vida dos escravos na Ásia Menor era um pouco mais tranquila do que em Roma, onde muitos escravos eram prisioneiros de guerra.

Algumas vantagens

O Império Romano, após a conquista violenta dos povos, estabelecia uma segurança militar que garantia, normalmente, certa ausência de conflitos armados. É o que chamavam de *pax romana*, a qual tinha um fundamento ideológico que fundamentava conotação divina do imperador romano. “A paz romana nos territórios conquistados era possível, em grande parte, porque os vencidos passavam a reconhecer o direito divino de Roma de governá-los”¹³. O Império dava certa autonomia às províncias, desde que garantissem o pagamento dos impostos e, principalmente, o reconhecimento do domínio de Roma, mediante o culto ao imperador. Estabelecia-se um pacto: Roma garantia a paz e as províncias, os impostos e a sujeição. “Augusto foi o príncipe da paz nas relações exteriores, mas travava-se de uma paz no sentido romano: um pacto depois da conquista”¹⁴. Se, por um lado, isso representava uma estratégia de dominação, por outro, trouxe alguns benefícios, sobretudo, para as famílias camponesas, muitas tinham suas plantações saqueadas durante as guerras.

Uma das funções do exército, em tempos de ausência de conflitos importantes, era de construir obras públicas¹⁵. “No exército estavam, também, engenheiros e trabalhadores que construíam pontes sobre rios caudalosos em poucos dias, assim como as estradas que permitiam uma mobilidade excepcional”¹⁶. Isso favoreceu a circulação de mercadorias e a mobilidade humana. Essa prática acabou favorecendo o desenvolvimento econômico das províncias romanas. “Os dois primeiros séculos de nossa era foram de grande surto econômico, especialmente no tempo dos imperadores Flávios. Uma das regiões que mais aproveitou desse ‘boom econômico’ foi a Ásia Menor”¹⁷. Nessa região havia grande potencial econômico: terras férteis, produção de grãos, frutas, madeira, gado, lã, além de

11 Eduardo ARENS, *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*, p.68.

12 Eduardo ARENS, *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*, p.62. Daí vinha a possibilidade de o escravo, depois de certo tempo de trabalho, pagar o valor do seu regate, passando a ser um liberto.

13 John Dominic CROSSAN & Jonathan L REED, *Em busca de Paulo: como o apóstolo Paulo opôs o Reino de Deus ao Império Romano*, p.63.

14 Richard A. HORSLEY, *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*, p.27.

15 Eduardo ARENS, *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*, p.90.

16 Pedro Paulo FUNARI, *Grécia e Roma*, p.87.

17 Pedro Paulo FUNARI, *Grécia e Roma*, p.107. A melhoria das estradas favoreceu as viagens missionárias de Paulo e seus companheiros.

boas redes de comunicação, por mar e por terra. Os judeus foram beneficiados com o crescimento do comércio e da indústria.

Posição social

O critério econômico não podia ser considerado o único, nem o mais importante, para determinar a posição social de uma pessoa no contexto da época, sobretudo, na região da Ásia Menor. Esta sofreu grande influência da cultura grega, por estar geograficamente próxima da província da Acaia, onde se localizava Atenas e Corinto. Embora o nível econômico fosse importante, havia outros fatores preponderantes, como ser escravo ou livre, o nível de educação, a origem étnica, o trabalho que exercia, se era homem ou mulher, se possuía ou não cidadania, etc.¹⁸. Destes diversos elementos resultavam pequenas pirâmides sociais, consolidando uma gama de diferenciação social. Por exemplo, ser livre podia ser mais importante socialmente do que ter posses. Era preferível ser livre pobre do que escravo com posses. Da mesma forma acontecia com quem tinha cidadania romana. Era preferível ter cidadania romana e ser pobre do que ser rico e não ter cidadania romana. Assim também acontecia com o tipo de ocupação. Quem exercia trabalhos manuais era inferior socialmente de quem exercia trabalhos intelectuais. Essas pequenas pirâmides estavam dentro de uma pirâmide maior, dividindo basicamente a sociedade em dois grupos. No topo estava a aristocracia e abaixo os demais trabalhadores.

A cidade

O conceito de cidade, no período greco-romano, era mais amplo do que, normalmente, se entende atualmente. Além da parte urbana, formada pela aglomeração de casas, edifícios públicos, teatros, praças, etc., envolvia também o campo. Os romanos chamavam de *urbs* a parte cercada de muralhas, e *rus* ou *ager*, a parte que envolvia o campo¹⁹.

A cultura helenística predominava na Ásia Menor. A cidade era o eixo para o desenvolvimento e o bem-estar. “Cada cidade procurava destacar-se das outras por meio de obras públicas, formar suas praças livres, conforme o estilo grego, edificar templos e construir aquedutos e termas e criar teatros e praças esportivas”²⁰. Na província da Galácia, as cidades eram mais pobres em relação àquelas que se achavam na costa ocidental, ao longo do mar Egeu. Éfeso, sobretudo, se destacava pelo porto, possibilitando maior fluxo comercial²¹.

A situação era pior para os diaristas, pessoas que não tinham uma profissão ou alguma qualificação que lhe desse possibilidade de trabalhar independente. Tinham que se sujeitar aos trabalhos ocasionais, no campo ou em construções nas cidades. “Ser diarista equivalia, na opinião de muitos, situar-se no escalão mais baixo que o homem livre podia ocupar. Seu salário, de mais a mais, não era muito elevado, pois rivalizava com o trabalho de escravos”²².

3 ALGUMAS LUZES PARA COMPREENDER O TEMA DO MÊS DA BÍBLIA, À LUZ DA ENCÍCLICA *FRATELLI TUTTI*

O lema do Mês da Bíblia deste ano, extraído da Carta aos Gálatas, nos convida a aprofundar este livro bíblico, tendo como chave fundamental a unidade na diversidade. À luz da fé em Jesus Cristo, todos os seres humanos são chamados a participar do plano

18 Pedro Paulo FUNARI, *Grécia e Roma*, p.45.

19 Pedro Paulo FUNARI, *Grécia e Roma*, p.116.

20 Eduard LOHSE, *Contexto e ambiente do Novo Testamento*, p.198.

21 Eduardo ARENS, *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*, p.104.

22 Eduardo ARENS, *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*, p.112.

salvador de Deus. O batismo elimina os muros de separação, as desigualdades e tudo o que leva à divisão e à discórdia. Como novas criaturas, configurados a Cristo, todos são chamados a testemunhar a caridade e o respeito com o outro, o diferente.

O Evangelho anunciado por Paulo aos gálatas, tinha como fundamento principal a fé em Cristo. Isso é que dá, acima de tudo, identidade à vida cristã. A fé extrapola as culturas. Não é possível identificar o Evangelho com determinada cultura. Quando Paulo disse que é a fé que nos justifica e não as obras da Lei (Gl 2,16), tinha a intenção de mostrar que não era justo impor a prática da tradição judaica aos gentios. O que deve caracterizar a vida cristã são os ensinamentos de Jesus Cristo, sobretudo, o amor, a solidariedade e a fraternidade, à luz de cada cultura. Todos os povos são chamados a fazer parte desta grande família dos filhos e filhas de Deus, unidos num amor universal.

A Encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco, ao que parece, convida todos os cristãos e pessoas de boa vontade a aderir a este espírito de fraternidade e amizade social, independente de religião. Convoca a todos os povos e nações a empenharem-se nesse projeto. “Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos dessa mesma terra que nos obriga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos” (FT 8).

Papa Francisco não discute questões doutrinárias. A Encíclica possui caráter marcadamente social, trazendo à tona questões e valores universais, de interesse de toda a humanidade. Embora cada igreja ou religião possua seus princípios e normas próprias, dando-lhe determinada identidade, há valores que são universais e estão presentes, praticamente, em todas as instituições. A pluralidade ou as diferenças não são empecilhos para o diálogo. Ao contrário, o verdadeiro diálogo tem como exigência o conhecimento da identidade própria. A verdadeira unidade em Cristo respeita as diferenças e peculiaridades de cada povo. Quando não há o respeito pelo diferente, a unidade fica comprometida, destruindo a riqueza da singularidade de cada pessoa ou de cada cultura. Hoje vivemos num mundo globalizado, mas nem sempre esta globalização significa a garantia dos direitos humanos universais. “Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são instrumentalizados pela economia global para impor um modelo cultural única” (FT 12). Nem sempre o desenvolvimento das ciências e da técnica estão voltadas para a inclusão social.

A vivência do amor ao próximo, na cultura judaica (Lv 19,18), estava ligada, principalmente, a do mesmo povo judeu. Aos poucos, porém, esta fronteira vai se ampliando. Ex 22,20 é uma das referências neste sentido: “Não maltrates o migrante nem o oprimas, porque vós fostes migrantes na terra do Egito” (Dt 24,21-22). No Novo Testamento este amor se torna universal (1Ts 3,12). A parábola do Bom Samaritano é decisiva nesta perspectiva. “Para se tornar próximo e presente, ultrapassou todas as barreiras culturais e históricas. A conclusão de Jesus é um pedido: ‘Vai e faz o mesmo’ (Lc 10,37)” (FT 81). Papa Francisco expressa que ainda hoje os preconceitos e a discriminação estão presentes, muitas vezes, em nome da fé. “Todavia, ainda há aqueles que parecem sentir-se encorajados ou pelo menos autorizados por sua fé a defender várias formas de nacionalismo fechado e violento, atitudes xenófobas, desprezo e até maus tratos àqueles que são diferentes” (FT 86).

Ser “um só em Cristo Jesus” implica viver a solidariedade, que é muito mais do que ter gestos esporádicos de generosidade. “É pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. É também lugar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais” (FT 116). Nada pode estar acima dos direitos dos povos e do respeito ao meio ambiente.

Uma realidade palpável hoje, vivida no mundo inteiro, é a migração. Embora, segundo Papa Francisco, o ideal é evitar as migrações desnecessárias, dando oportunidade de vida digna nos países de origem. Quando isso não é possível, é necessário respeitar o direito da busca de um lugar que possibilite a realização humana. “Os nossos esforços a favor das pessoas migrantes que chegam podem resumir-se em quatro verbos: acolher, proteger, promover e integrar” (FT 129). A busca da unidade requer o comprometimento com o outro, sobretudo, em situações de maior precariedade.

O contato com outras culturas e crenças, quando acontece de forma sadia, não ameaça a identidade. Ao contrário, provoca aquilo que o Papa Francisco chama de “nova síntese” que beneficia a todos. “A integração cultural, econômica e política com os povos vizinhos deve ser acompanhada por um processo educativo que promova o valor do amor ao próximo, primeiro exercício indispensável para se conseguir uma sadia integração universal” (FT 151). O Papa Bento XVI, em uma de suas encíclicas, ressalta o sentido do amor *ágape*, cuja vivência extrapola as próprias fronteiras da Igreja, tornando-se universal. “[...] a parábola do bom samaritano permanece como critério de medida, impondo a universalidade do amor que se inclina para o necessitado encontrado ‘por acaso’ (cf. Lc 10,31), seja ele quem for” (DCE 25). O mundo globalizado propicia o encontro com o diferente. “A mobilidade humana e as migrações favorecem a diversidade religiosa. A solidariedade pode ser vivenciada por todos, favorecendo o mútuo conhecimento e a valorização de tudo que nos une” (DGAE 2019-2023, 173). Neste sentido, é necessário que os Estados nacionais não se deixem dominar pelo sistema econômico-financeiro, mas criem organizações mundiais capazes de garantir os direitos dos povos e a busca do bem comum. A caridade é que torna eficaz a fé em Cristo (Gl 5,6). Na sua relação com a verdade, possibilita o seu universalismo, a base da vida social entre todos os povos (FT 183-185).

A unidade que somos chamados a viver, a partir do espírito cristão, acontece mediante um diálogo capaz de respeitar o ponto de vista do outro. Sem negar a identidade, própria de cada um, pode-se contribuir para a edificação de todos. “O que conta é gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de colecionar as diferenças. Armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Vamos ensinar-lhes o bom combate do encontro!” (DGAE 2019-2023, 113). A exemplo de Cristo, nunca devemos fomentar a violência e a intolerância (Lc 9,51-56; 22,49-51).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta cristã, apresentada pelo Apóstolo Paulo à comunidade da Galácia, de que todos são chamados à unidade em Cristo, eliminando todas as formas de divisões, se constitui num apelo muito atual. Cada cultura possui suas marcas positivas e também seus limites. Apesar de, muitas vezes, o contexto social, político e econômico, bem como o religioso, dificultar a vivência fraterna, sempre permanece a esperança da comunhão universal. “Como pessoas que creem, pensamos que, sem uma abertura ao Pai de todos, não pode haver razões sólidas e estáveis para o apelo à fraternidade” (DGAE 2019-2023, 139). A Igreja é chamada a reconhecer a ação de Deus nas outras religiões, buscando sempre trabalhar para a construção de um mundo onde todos tenham vida, e vida em abundância (Jo 10,10), no diálogo, na fraternidade e no respeito ao diferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENS, Eduardo. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*. Aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1977.
- BARBAGLIO, Giuseppe. *As cartas de Paulo, II*. Trad. José Maria de Almeida; supervisão exegética Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1991.
- BENTO XVI, Papa. *Deus Caritas Est*. Carta Encíclica sobre o amor cristão. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BORTOLINI, José. *Como ler a carta aos Gálatas*. Evangelho é liberdade. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BOSCH, Jordi Sánchez. *Escritos Paulinos*. Trad. Alceu Luiz Orso, Jaime Sánchez Bosch. São Paulo: Ave Maria, 2002.
- CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*. Brasília: CNBB, 2019.
- CROSSAN, John Dominic & REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo Paulo opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FABRIS Rinaldo. *A liberdade do Evangelho: carta de Paulo aos Gálatas*. Trad. Paolo Guglielminette. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1987.
- FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti*. Carta Encíclica sobre a Fraternidade e a Amizade Social. Brasília: Ed. CNBB, 2020.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- HAWTHORNE, Gerald F. & MARTIN, Ralph P. (orgs.) *Dicionário de Paulo e suas cartas*. Trad. Barbara Theoto Lambert, São Paulo: Loyola, 2008.
- HORSLEY, Richard A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Paulus, 2004.
- LOHSE, Eduard. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- MARTINS, A.A. Introdução à epístola aos Gálatas. In: *Revista de cultura Bíblica*, n.93/94, São Paulo – carta aos Gálatas, São Paulo: Loyola, 2000.
- SALAZAR, Gabriel Naranjo. *Da Pastoral Bíblica à Animação Bíblica da Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2011.
- SANDERS, Ed Parish. *Paulo: a lei e o povo judeu*. Trad. José Raimundo Vidigal, São Paulo: Ed. Academia Cristã/Paulus, 2009.